

# Boletim Internacional



Ano VI n° 28 15.08.2006

## Encontro dos metalúrgicos do Mercosul

### Metalúrgicos definem estratégias para o setor siderúrgico

A partir de agora, os 23 representantes da siderurgia de quatro países do Mercosul devem estreitar a comunicação entre seus respectivos sindicatos - CNM/CUT (Brasil), Constramet (Chile), UOM (Argentina) e Unmtra (Uruguai). Com o fim do encontro setorial nesta terça-feira, dia 15, realizado pela Confederação Nacional dos Metalúrgicos da CUT, dirigentes criaram um fórum de discussão sobre as plataformas de luta à categoria via e-mail.

Todos os participantes devem receber informações quinzenais sobre ações realizadas aos trabalhadores nas empresas Gerdau, Arcelor e Tenaris.

'Os sindicatos estavam preocupados em se articular melhor entre si, além do futuro do crescimento das empresas', diz o secretário de organização da CNM/CUT, Fernando Lopes. 'Vamos nos organizar de maneira nacional e internacional para não perder espaço em todas as iniciativas', exclama.

Além disso, o grupo deve aumentar a solidariedade ao conflito dos trabalhadores da Gerdau, nos EUA.

Esses representantes do setor siderúrgico do Mercosul - Argentina, Chile, Brasil e Uruguai - reuniram-se desde o dia anterior para traçar novos planos de luta nas empresas Gerdau, Arcelor e Tenaris, nos respectivos países. Eles participaram da atividade na sede da Confederação Nacional dos Metalúrgicos da CUT (Alameda Tupinás, 248, Planalto Paulista - São Paulo).



O programa do encontro previu a realização de exposições sobre a situação em cada um dos países seguida de debates. Além disso realizaram-se reuniões separadas para cada empresa.

O secretário geral da CNM/CUT, Fernando Lopes avaliou a atividade do primeiro dia : 'Hoje pela manhã, discutimos o panorama mundial do setor siderúrgico, como um momento de crescimento no mundo todo. A atividade é para dar respaldo a cada sindicato, dos países presentes, reivindicar suas questões de trabalho. Amanhã será feito um plano de lutas entre todos',

As empresas siderúrgicas no Mercosul já atuam unificadas. De acordo com o dirigente, a organização é fundamental para que todos tenham melhores condições de trabalho.

A Coordenação de Centrais Sindicais do Cone Sul (CCSCS) apoiou a atividade. (Assessoria de Imprensa da CNM/CUT, 16.08.2006)

# USW é contra fusão da CSN e Wheeling

Ricardo Balthazar

Um dos sindicatos mais poderosos dos Estados Unidos decidiu se opor ao plano da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) para ampliar sua presença no mercado americano, um passo considerado decisivo para assegurar a sobrevivência da brasileira diante da consolidação da indústria em torno de grandes grupos internacionais.

Num comunicado divulgado na segunda-feira, os Metalúrgicos Unidos (USW, na sigla em inglês) anunciaram que vão trabalhar contra a proposta de fusão dos ativos americanos da CSN com os da Wheeling-Pittsburgh, uma siderúrgica que entrou em concordata duas vezes nos últimos anos e ainda encontra dificuldades para se manter à tona.

"Não sei nada sobre os planos da CSN", disse ontem ao Valor David McCall, diretor do USW e principal representante do sindicato nas suas relações com a Wheeling-Pittsburgh. "Eles não falaram comigo sobre o que pretendem fazer para garantir o futuro da companhia nem disseram se vão manter os compromissos com os trabalhadores."

McCall diz ter procurado a direção da CSN há meses para conversar, mas afirma que não teve nenhuma resposta. Oito de cada dez funcionários da Wheeling são filiados ao sindicato, que tem dois representantes no conselho de administração da empresa e controla indiretamente um quinto das suas ações por meio de um fundo criado para garantir aposentadorias e o plano de saúde dos funcionários.

O acordo que regula as relações entre o sindicato e a Wheeling foi assinado em 2003, quando a empresa saiu da concordata, e é válido até 2008. Uma de suas cláusulas diz que qualquer tentativa de transferência do controle da companhia precisa ser submetida primeiro à avaliação do USW, que tem o direito de submeter uma proposta alternativa se quiser.

Quando anunciou a transação com a CSN, há duas semanas, a Wheeling indicou que pretendia esperar até setembro pela manifestação do sindicato. Mas o USW diz que regras fixadas em 2003 lhe dão até fevereiro próximo para se pronunciar. "A Wheeling quebrou nosso contrato ao aceitar a oferta da CSN", disse McCall no comunicado de segunda-feira.

O sindicato apóia uma proposta rival apresentada por uma distribuidora de produtos siderúrgicos chamada Esmark, que foi fundada em 2003 e tem crescido no setor adquirindo empresas em dificuldades financeiras. A Esmark começou a conversar com o sindicato e a Wheeling há mais de um ano, mas a direção da companhia rejeitou todas as suas ofertas até anunciar a intenção de se juntar com a CSN.

O presidente da Esmark, Craig Bouchard, acredita que o apoio do sindicato poderá ajudá-lo a virar o jogo. "Nunca houve uma companhia que tivesse sucesso nessa indústria nos Estados Unidos sem o apoio dos metalúrgicos", disse Bouchard ao Valor. Ele acredita que a decisão do sindicato de se opor à CSN fará a disputa pela Wheeling se arrastar por meses até um desfecho.

A direção da Wheeling esperava resolver a questão numa assembleia de acionistas marcada para 17 de novembro, quando será eleito seu novo conselho de administração. Duas chapas concorrem, uma delas com a turma de Bouchard. A fusão com a CSN só poderá ser analisada depois que for examinada uma reclamação do sindicato contra a forma como a direção da Wheeling conduziu as negociações.

A Wheeling e a CSN se mantiveram em silêncio sobre o assunto ontem. Pela proposta de fusão que apresentaram, a CSN ficaria com 49,5% das ações de uma nova empresa que controlaria os ativos das duas companhias nos Estados Unidos e injetaria US\$ 225 milhões no negócio, na forma de um empréstimo que poderia ser convertido em ações no futuro, ampliando a participação da CSN para 65%.

A operação permitiria que a empresa brasileira ampliasse sua participação no mercado americano e lucrasse com a venda de produtos de maior valor agregado, transformando suas placas de aço em chapas e outros produtos para montadoras de automóveis, a indústria de eletrodomésticos e a construção civil. A CSN está desde 2001 nos EUA, onde tem uma unidade com capacidade para processar 900 mil toneladas de aço por ano. (*Valor*, 16.08.2006)

---

Para maiores informações sobre a fusão consulte a página do SindLab dedicada à CSN : <http://www.sindlab.org/comissoes01.asp?empresa=csn>

**Eleições 2006** – As duas matérias seguintes tratam das próximas eleições. Não se trata de fazer propaganda, pois todos sabem para onde vai o voto dos metalúrgicos. Para Lula é claro ! O que queremos aqui é trazer elementos para reforçar a campanha e os argumentos de cada um e a para contribuir para uma perfeita caracterização do potencial e dos limites do segundo mandato de Lula . Nesse sentido trazemos a importante contribuição do nosso companheiro Roque Assunção da Cruz, o nosso colega Tarugo, que pretendemos seja a primeira de muitas contribuições dos companheiros metalúrgicos. A segunda matéria traz, para espanto de muita gente, um texto de Delfin Netto onde o ex-ministro da ditadura faz uma comparação entre os governos Lula e FHC . O resultado é favorável para nosso presidente, é claro .

## Por um Brasil dos Brasileiros!

Vote sem medo da felicidade.

\*Roque Assunção da Cruz (Roque Tarugo)

O ano de 2005 foi o ano da tentativa do golpe contra a democracia, golpe contra o povo brasileiro, como o feito em 64.

A oposição e a mídia não suportaram o bom desempenho do governo Lula, não suportaram ver que o governo Lula colocou a economia nos trilhos, que diminuiu a quantidade de pessoas miseráveis, que gerou milhões de empregos, que com soberania, sem crise, livrou o Brasil do FMI, que conseguiu colocar milhares de jovens carentes nas universidades particulares, antes reduto somente da classe abastada a burguesia, com o PROUNI, os nossos filhos entraram nas universidades.

O governo LULA, ousou a revelar o preconceito que existe na elite deste país. Foi insuportável para eles ver um presidente ex- metalúrgico, ex- sindicalista, migrante nordestino, integrante de um partido de esquerda, que nunca cursou uma universidade, recuperar em três anos um país que estava falido economicamente, socialmente e moralmente. Todos nós conhecemos à face oculta dos políticos que há mais de 10 anos estão enganando, trapaceando e enriquecendo a custas da credibilidade do povo brasileiro, que os elegeram.

O que fizeram os golpistas de plantão: Vejamos o que fez o Borhausen, o senador banqueiro do PFL, SC: o que esse cidadão fez de bom para povo brasileiro ou pelo país? Quais os projetos dele para melhorar vida do povo, além de querer acabar com raça de 53 milhões de pessoas que elegeram Lula presidente? Pois, no fundo, foi isso que ele quis dizer quando disse que " acabaria com essa raça por 30 anos". E o senador Arthur Virgílio, do PSDB, AM, que baba na gravata e cospe quando fala: quais os projetos dele para melhorar a vida das pessoas, além de obstruir todos os projetos do governo para beneficiar milhões de pessoas, principalmente as mais pobres, e ameaçar, na tribuna do senado, dar uma surra no presidente?

O ACM e o seu netinho o grampinho, o que eles fizeram além de grampear escutas telefônicas ilegalmente, acomodar suas bundas nas cadeiras do Congresso e pressionar depoentes nas CPI's com ameaças, tortura psicológica e gritos?

A ventríloqua senadora do PSOL, AL, Heloísa Helena, essa quase perde a voz de tanto gritar: o que ela fez e faz, além de proporcionar espetáculo de circo com tapas e cadeiradas nos seus pares.

O dia a dia nos mostrou a incompetência de Alckmin com a segurança em SP, o descaso com os menores infratores.

Alckmin foi chamado de irresponsável pela Anistia Internacional pelos maus tratos na FEBEM, engavetou 67 CPIs para investigar o seu governo. O povo de São Paulo viu, assistiu as mentiras de Serra. Serra é um mentiroso: assinou compromisso de não abandonar a prefeitura de SP para concorrer à eleição de 2006 e está na disputa a governador do Estado; mentiu quando disse, na campanha para prefeito, que não aumentaria as tarifas de ônibus, e foi seu primeiro ato depois de eleito; disse que trabalharia em parceria com o governador Alckmin, e o que vimos e assistimos foi pena de tucano voando pela disputa eleitoral ao cargo de Presidente.



Cadê os projetos dessa oposição, turma raivosa, virulenta, racista, preconceituosa, para melhorar a vida dos brasileiros? Não existe, nunca existiu, eles nunca pensaram no povo brasileiro, sempre governaram para a elite, e em causa própria.

Elegeram Severino Cavalcanti presidente da Câmara, de olho em prometidos 65% de aumento, e na tentativa de comprometer a solidez do governo Lula ao não aprovar os projetos do governo, projetos de interesse do povo brasileiro e do país. Não O que também presenciamos foi alguns integrantes do PT, solapando o governo LULA, fazendo uso de caixa dois através do valerioduto, que foi criação do PSDB, que em 1998, que já abastecia a campanha tucana de Azeredo do PSDB para eleição ao governo de MG. Provado através do Laudo pericial feito pelo INC (Instituto Nacional de Criminalística) que afirmou ser autêntico o documento de três páginas que mostrou a existência do caixa dois de R\$ 91,5 milhões movimentados durante a campanha à reeleição do hoje senador Eduardo Azeredo (PSDB) ao governo de Minas Gerais em 1998.

Com LULA, as CPIs foram instaladas, e os parlamentares da corrupção, petistas e não petistas foram punidos, o presidente Lula não engavetou as CPIs, se no governo de FHC, do PSDB, não tivessem engavetado todas as CPIs que tentaram instalar para apurar compra de votos, caixa dois, essa movimentação de caixa dois do valerioduto já não existiria.

A vida nos revelou que nenhum governo combateu tanto a corrupção como o governo Lula: foram mais de 1.600 pessoas presas, entre juizes, advogados, funcionários públicos, empresários, policiais, delegados e políticos, pessoas que agiam há décadas na impunidade.

O presidente Lula não deu trégua para os corruptos, não jogou a corrupção para baixo do tapete, como os governos anteriores, não poupou partidários políticos, foi implacável no combate à corrupção.

O governo LULA nos revelou que é possível levar luz para todos, alimentos para muitos, educação, saúde, terra, crédito, casa própria com os financiamentos da Caixa, gerar empregos e renda, que é possível dar dignidade ao povo quando se faz um governo para todos, quando se faz um governo sem exclusão. O presidente Lula colocou o povo brasileiro, o país, acima da crise política, da disputa eleitoral e, principalmente, acima dos interesses de poucos. Todos nos assistimos e vimos que os donos da grande mídia não se importam com povo brasileiro, que a mídia não é imparcial e não se interessa por um governo que dê primazia ao povo: os jornais, revistas, rádios e canais de TV mentiram, inventaram, manipularam e omitiram informações, na tentativa de, junto com a oposição, promover um golpe no povo. Tentar derrubar um presidente como o presidente Lula não é dar um golpe no governo, é um golpe no povo. Não conseguiram e não vão conseguir, o povo sabe, sente na pele, no bolso e na alma que Lula é o melhor presidente que o país já teve. A mídia e a oposição sabem disso, eles sabem que mesmo tentando dar o golpe, o presidente Lula se reelegerá já no primeiro turno; não importa que ele se reeleja no 2º turno, importa é que ele vai se reeleger para continuar suas realizações, que fazem o Brasil, cada vez mais, ser um país de todos.

A mídia e a oposição sabem fracassou a tentativa de golpe, o presidente Lula se reelegerá para continuar suas realizações, avançando nas mudanças, ampliando a democracia, aumentando o desenvolvimento econômico e social, na valorização do trabalho, com distribuição da renda, fazendo o Brasil, cada vez mais, ser um país de todos.

**Vote em quem tem compromisso de classe! Não vote em traidores dos trabalhadores.**

São Caetano do Sul, 15 de agosto de 2006. Roque Assunção da Cruz, - Militante do P C do B – Base de SCS - Secretário de Políticas Sociais da CNM/CUT - Bacharel em Filosofia e Teologia, Bacharelado em Direito

## Lula e FHC

**Antonio Delfim Netto**

Ainda há quem não veja diferença entre o governo anterior e o atual e acredita que o PT rompeu com seus ideais. Não é bem assim. Desde a fundação, o partido evoluiu

A visível continuidade da política macroeconômica do governo Lula com relação à de FHC significa que "nada mudou" e que apenas tivemos mais do mesmo? Por que o que foi bom não deveria continuar? Significaria isso "uma traição aos ideais socialistas do Partido dos

Trabalhadores”, como continuam a murmurar alguns “ex-quase” grandes revolucionários desiludidos?

Desde a sua origem, o Partido Comunista Brasileiro refletiu as desventuras da esquerda europeia que tinha, como precário cimento, um marxismo mecânico e duvidoso que teria enfartado o pobre Karl. Sempre houve, no Brasil, uma oposição “de esquerda” (até católica) ao PCB. O pensamento brasileiro, refletindo a oposição ao centralismo autoritário, dividiu-se entre “trotskistas”, “luxemburgistas”, “kautskystas” e “tutti quanti”... Para eles, o PCB depois de 1964 não era suficientemente “revolucionário”.

O Partido dos Trabalhadores é uma organização quase autóctone, construída pelas circunstâncias e por um gênio político de extração católica em São Bernardo do Campo. Ele recolheu em seu seio todos os grupos de oposição da “nova esquerda” e a quase totalidade dos intelectuais. Sonhou, originalmente, transformar o Brasil num país “socialista” e democrático com pluralidade partidária...

Com quadros aguerridos, o PT foi crescendo eleitoralmente com muita rapidez, elegendo prefeitos, governadores e, finalmente, o presidente da República. Essa marcha vitoriosa foi resultado, de um lado, do treino adquirido pelo partido nas múltiplas e crescentes unidades federadas e, de outro, do aprendizado obtido pela necessidade da sua convivência política com os demais partidos. Seu radicalismo foi se erodindo e o sectarismo dando lugar a um pragmatismo quase responsável, mas que não foi suficiente para preparar quadros competentes. A idéia de que eles representavam o “monopólio das virtudes” foi sendo relativizada pelos enfrentamentos com a realidade.

Depois da fragorosa derrota que lhes impôs o presidente Fernando Henrique Cardoso em 1994, o PT e seu líder máximo (o único disponível para uma nova tentativa de voto presidencial) compreenderam que o sonho seria irrealizável a não ser que: 1. Promovessem uma aliança entre o “puro e sacrossanto PT” e alguns “impuros e pecadores” partidos burgueses (que hoje sabemos como terminou). 2. Que tal aliança seria impossível com o generoso e romântico programa do velho PT.

Essa foi a origem da famosa “Carta ao Povo Brasileiro”, o verdadeiro programa com o qual Lula se comprometeu no processo eleitoral. No início houve muita desconfiança. Os adversários, boa parte da imprensa e a ampla maioria do PT não queriam acreditar: o novo programa era para inglês ver, apenas um expediente eleitoral! O candidato foi obrigado a repetir, diariamente, o seu compromisso pessoal, reafirmando os “novos princípios” da sua política macroeconômica, caso viesse a ser eleito. Só funcionou porque Lula, líder sindical (não o presidente), tinha construído ao longo de toda a sua militância política uma imagem de homem veraz e honesto, que dava valor absoluto aos seus compromissos.

O ponto decisivo da Carta é que renegava a antiga e desastrosa política macroeconômica acariciada durante 20 anos pelo PT, mas conservava intacto o verdadeiro projeto de Lula, como foi revelado num diálogo entre ele e um amigo durante o melancólico reconhecimento de sua derrota diante de Fernando Henrique: “Se minha campanha tiver forçado os temas sociais a virarem prioridade, acho que valeu a pena” (Dimenstein, G. – Souza, J. de – A História do Real, 1994, pág. 237).

Foi esta a mudança que realizou. Respeitou os fundamentos da política macroeconômica e o absoluto cumprimento do equilíbrio fiscal, condições preliminares para o restabelecimento da confiança interna e externa na economia brasileira que agora nos beneficia. Tão importante como isso e a grande novidade foi que, pela primeira vez, o Brasil registrou uma pequena redução das desigualdades, mas de densidade suficiente para ser revelada pelas estatísticas. A política macroeconômica brasileira é hoje a universal dos países civilizados com democracia pluripartidária. Ela é produto de uma evolução que começou com Ronald Reagan e Margaret Thatcher depois do desastre econômico dos anos 70. É uma espécie de alicerce sobre o qual se podem construir muitas casas diferentes, de acordo com as preocupações e as prioridades de cada governo. O que não se pode é construir uma sólida política social sobre alicerces enterrados num pântano, como sugeria o velho programa do PT. (*Carta Capital* n.º. 0406 )